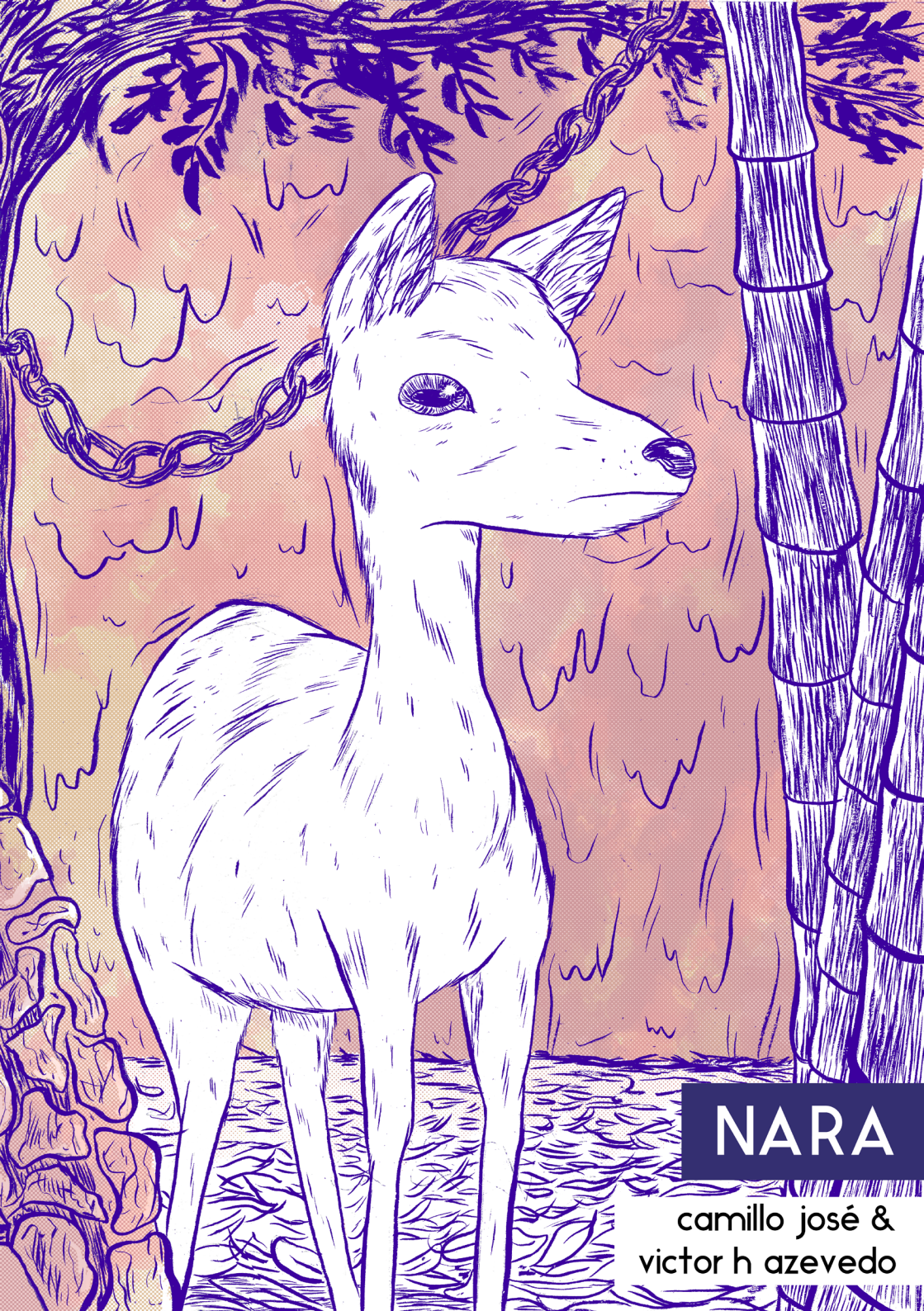
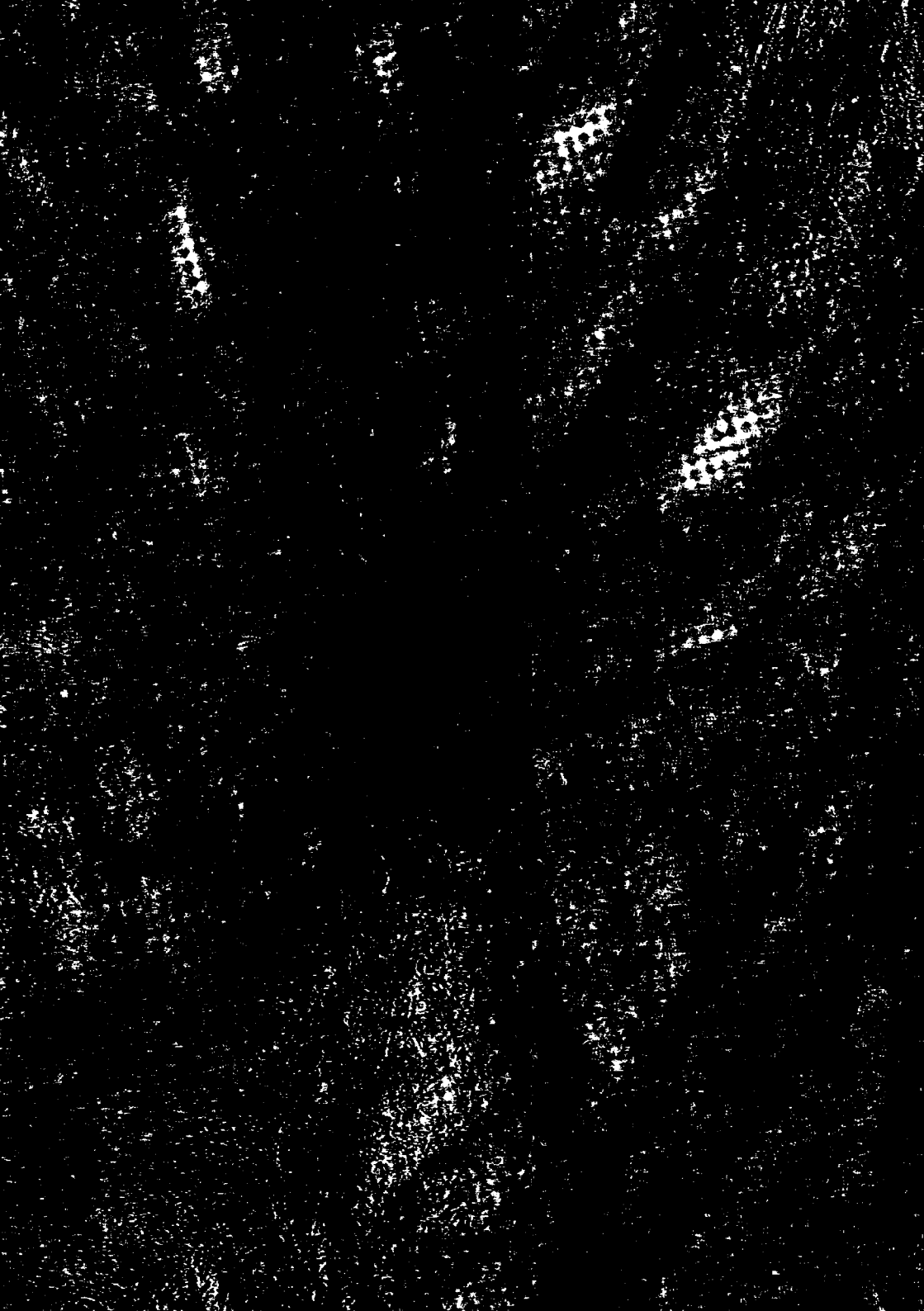

NARA
camillo josé &
victor h azevedo

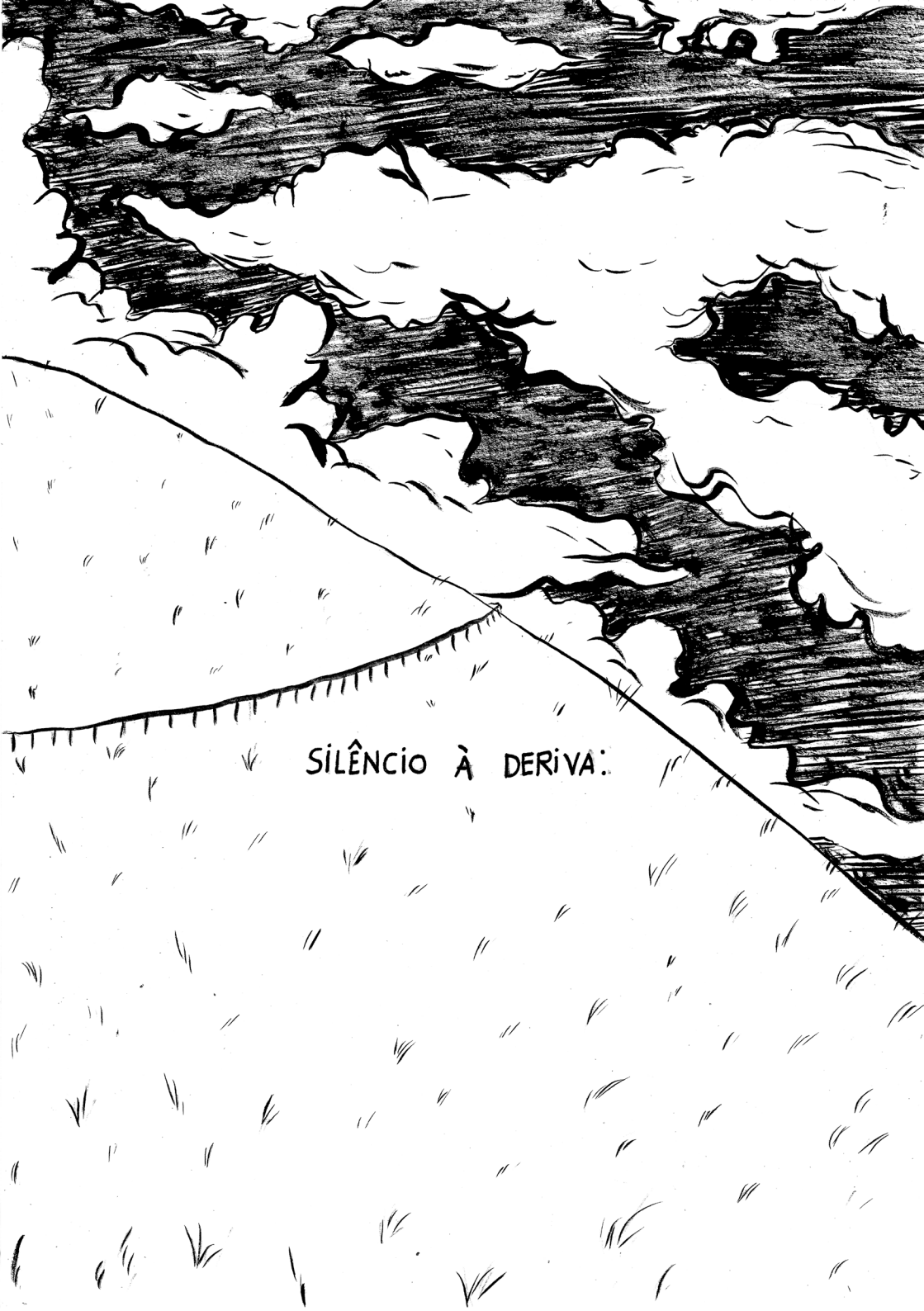
you are welcome to nowhere

rui pires cabral



I.

arrival in nara


SILÊNCIO À DERIVA:

TIMIDEZ A CÉU ABERTO
A [DIST]ÂNSIA MÁXIMA
ENTRE DOIS PONTOS

VOCÊ:

UM VULTO FLORIDO DE [A]FEIÇÕES ORGÂNICAS, MIRAGEM CERÚLEA QUE

ME INDUZ A ATRAVESSAR ESSES METROS DE OCASO;

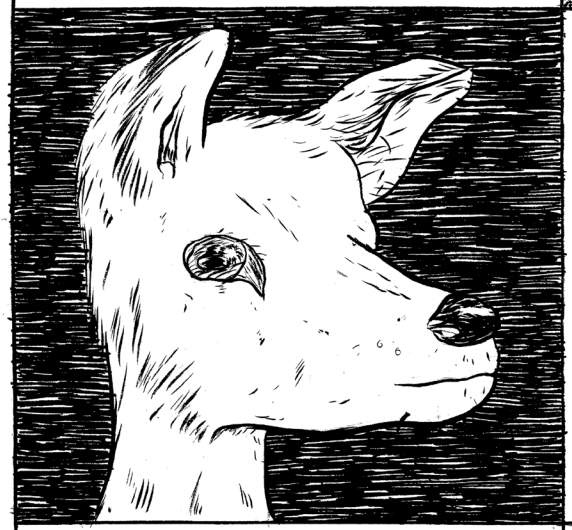
AO ACASO, SEM F[R]ICÇÃO

UM CONVITE IMPROVÁVEL
AO OUTRO LADO

II.

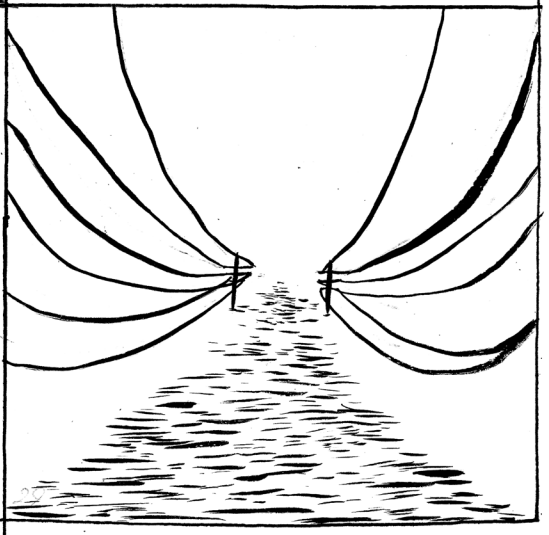
nara

BREVIÁRIO DE BORDO:

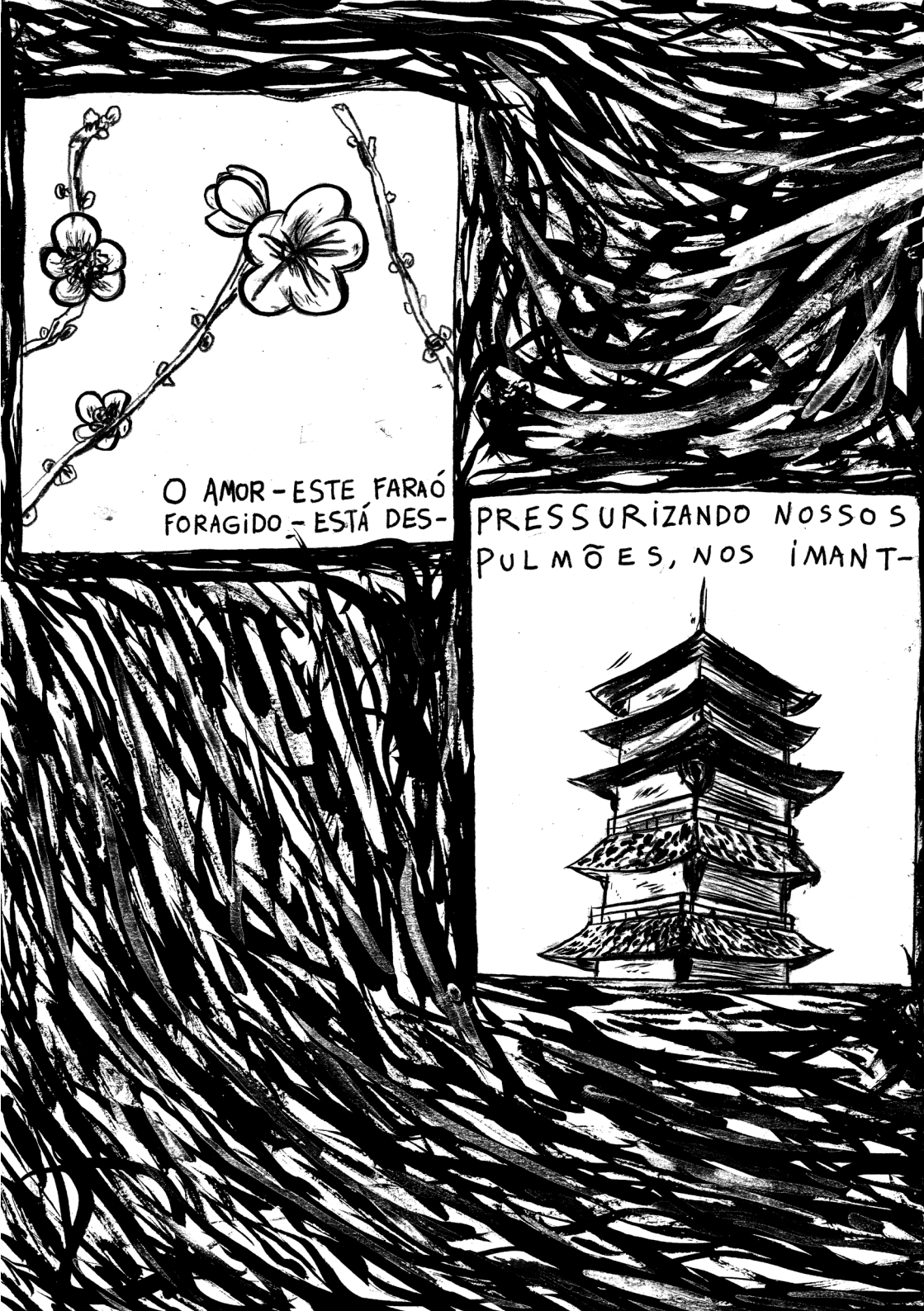


ESTAMOS EM NARA, TEMOS OS LÁBIOS RESSEQUIDOS PELA FALTA DE INTIMIDADE

E A TARDE É UM ACORDE MENOR DEDILHADO POR UM CASAL DE GAIVOTAS;



PÉS QUE SE ANCORAM EM PASSADOS REMOTOS,
CIGARROS CONTRA A GRAV-IDADE NULA DAS ONDAS.


O AMOR - ESTE FARAÓ FORAGIDO - ESTÁ DES-
PRESSURIZANDO NOSSOS PULMÕES, NOS IMANT-

ANDO AO CAIS DE UM VERÃO FORASTEIRO; ENTR-

ETANTO, DESCONHECEMOS MELHOR COMISSÁRIO E AVANÇAMOS EUFÓRICOS

RUMO A LUGAR NENHUM, COAGIDOS E ESCOLTADOS PELA PROFUSA INFANTARIA

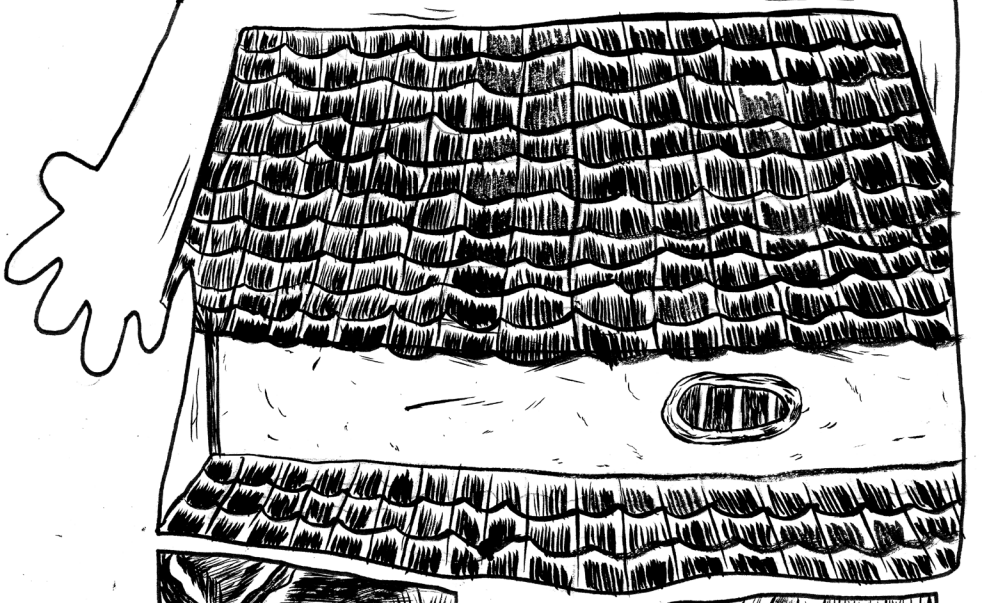
DA COR MAIS QUENTE

III.

leaving nara

VEREDITO: A META DO MUITO SOBREPOSTA AO MITO DO POUCO.

AQUI NÃO FOMOS MENOS INSENSATOS, CAUTELOSA NÃO FOI NOSSA ESTADIA.



SABÍAMOS QUE A VONTADE - PREMATURO ASTROLÁBIO - LOGO HAVERIA DE APONTAR

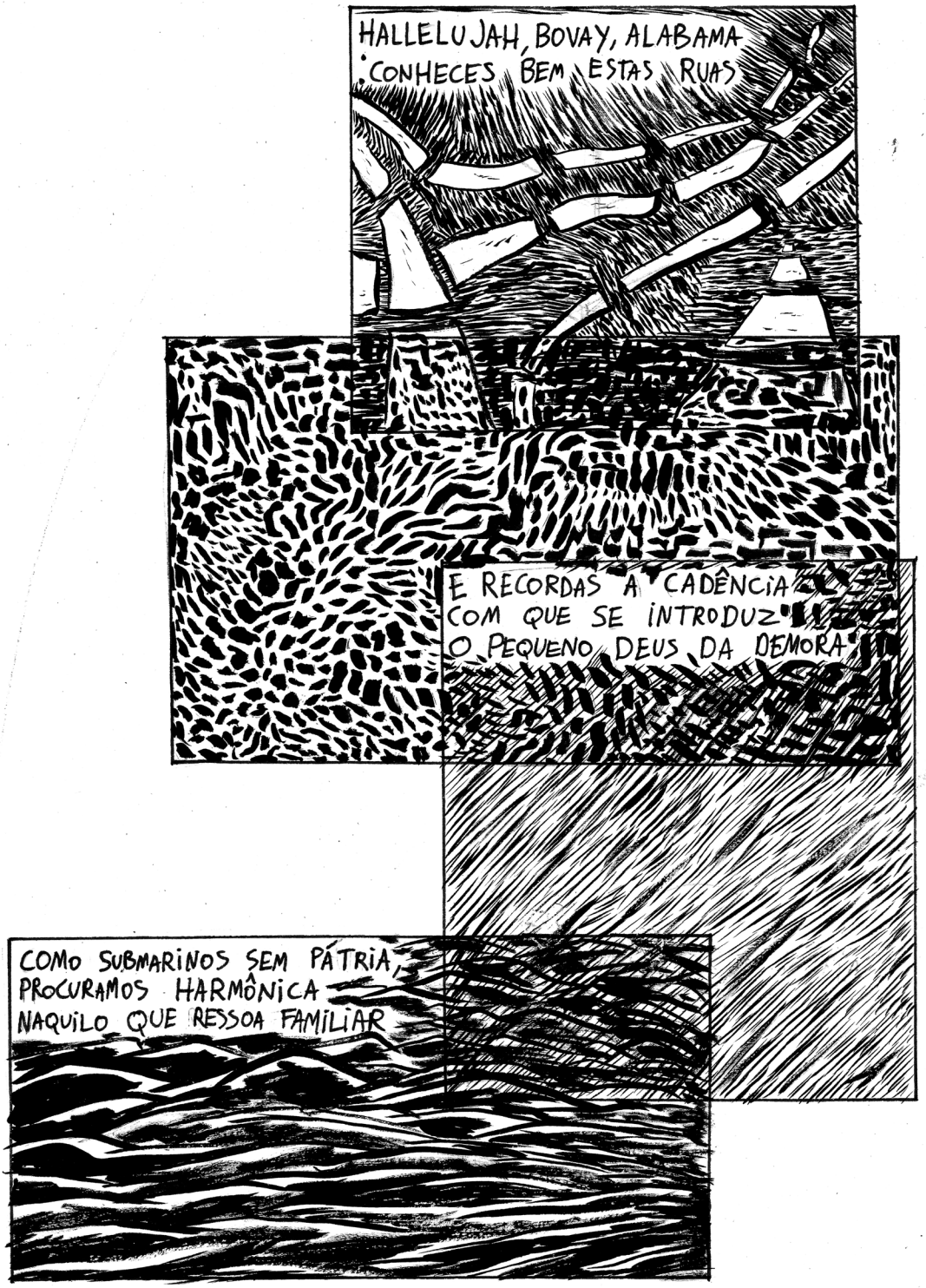
INFALÍVEL PARA ARQUIPÉLAGOS DE GEOGRAFIA VARIÁVEL,

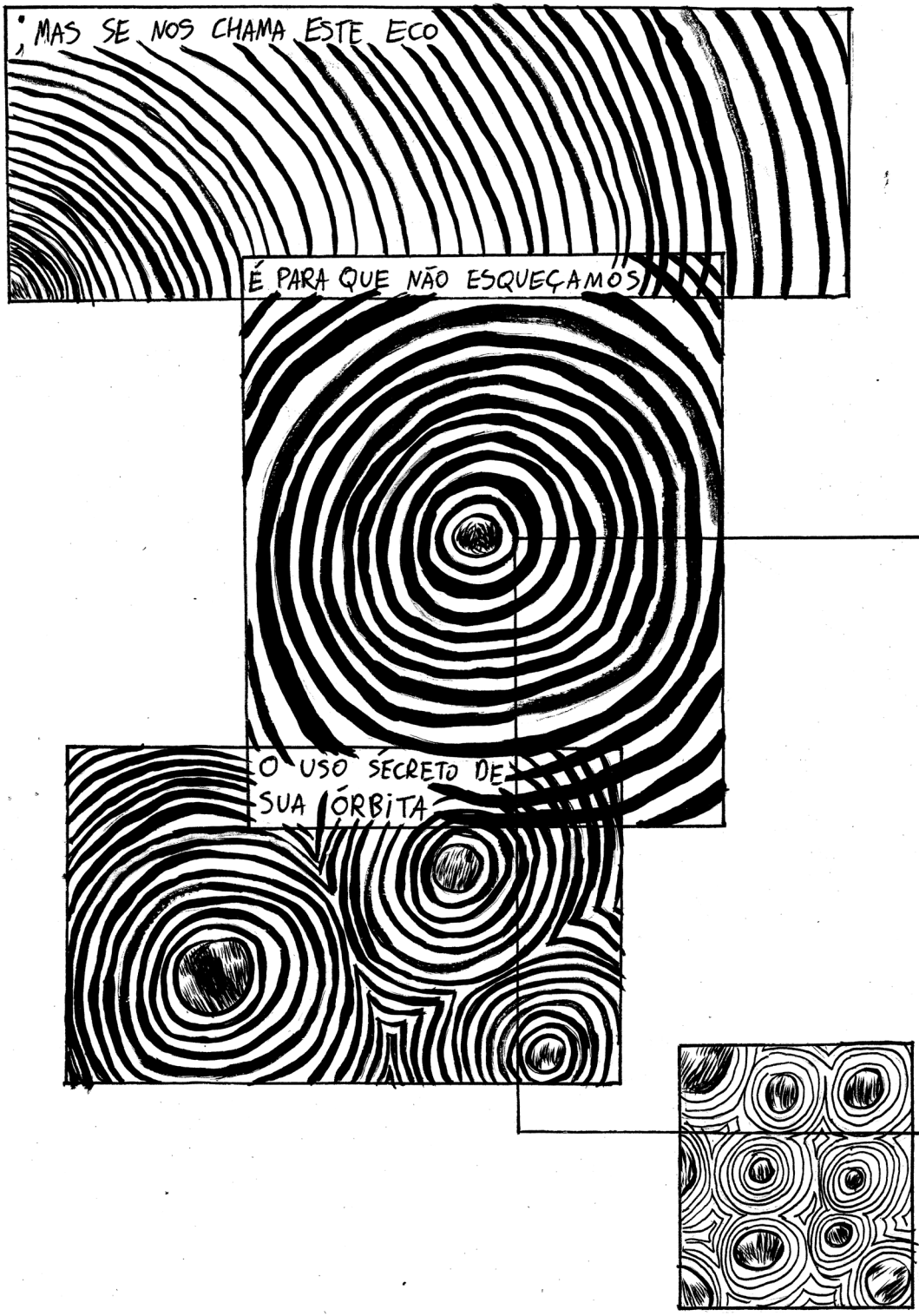
MAS NÃO HESITAMOS DIANTE DA PROBABILIDADE PASSÍVEL DA QUEDA.
INADVERTIDOS, POR DESCUIDO OU DESCASO
NOS TORNAMOS ATEMPORAIS, NARRADORES ONISCIENTES
A MACULAR ESTA FÁBULA DO PARA SEMPRE COM FARELOS
DE NUNCA MAIS

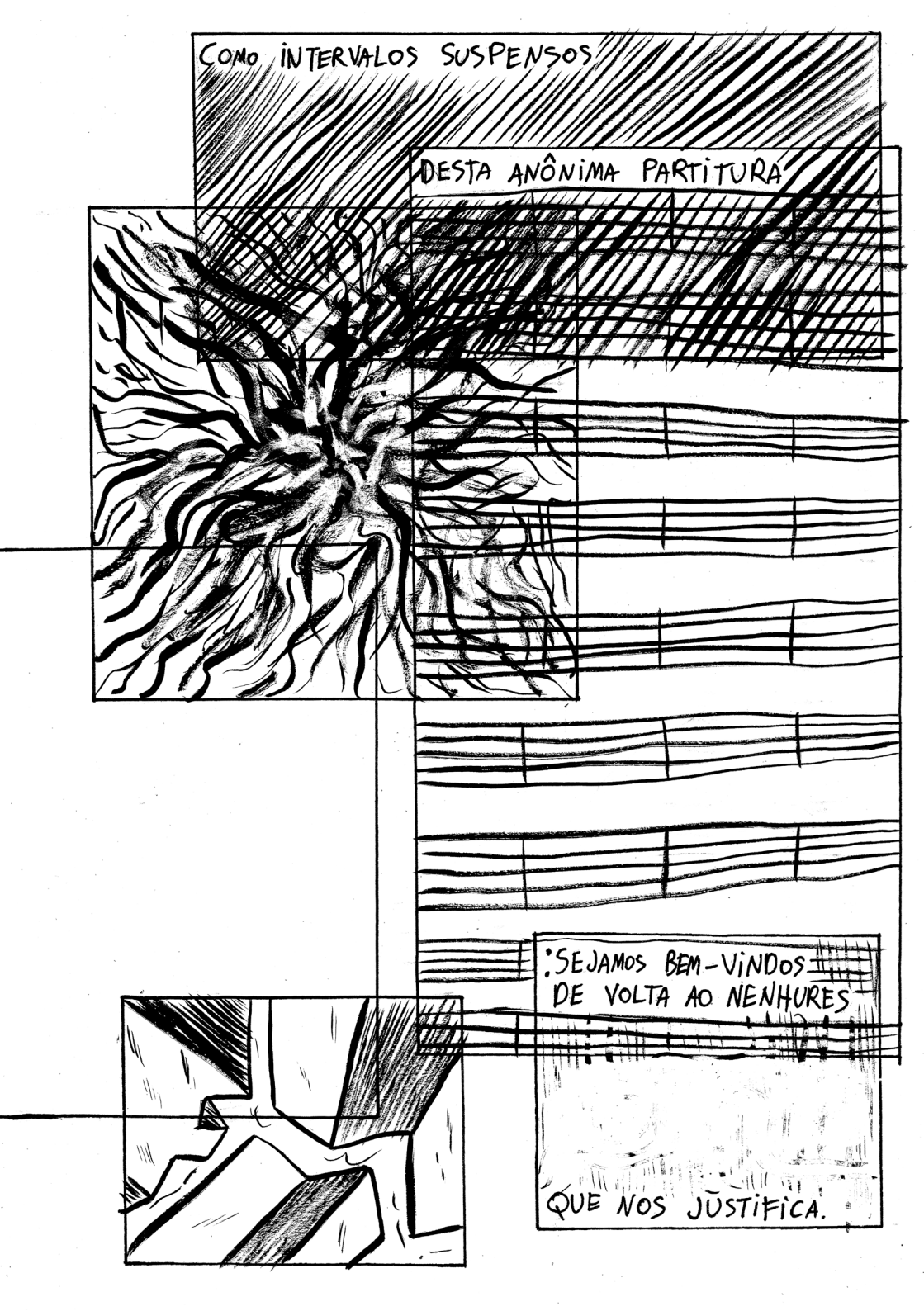
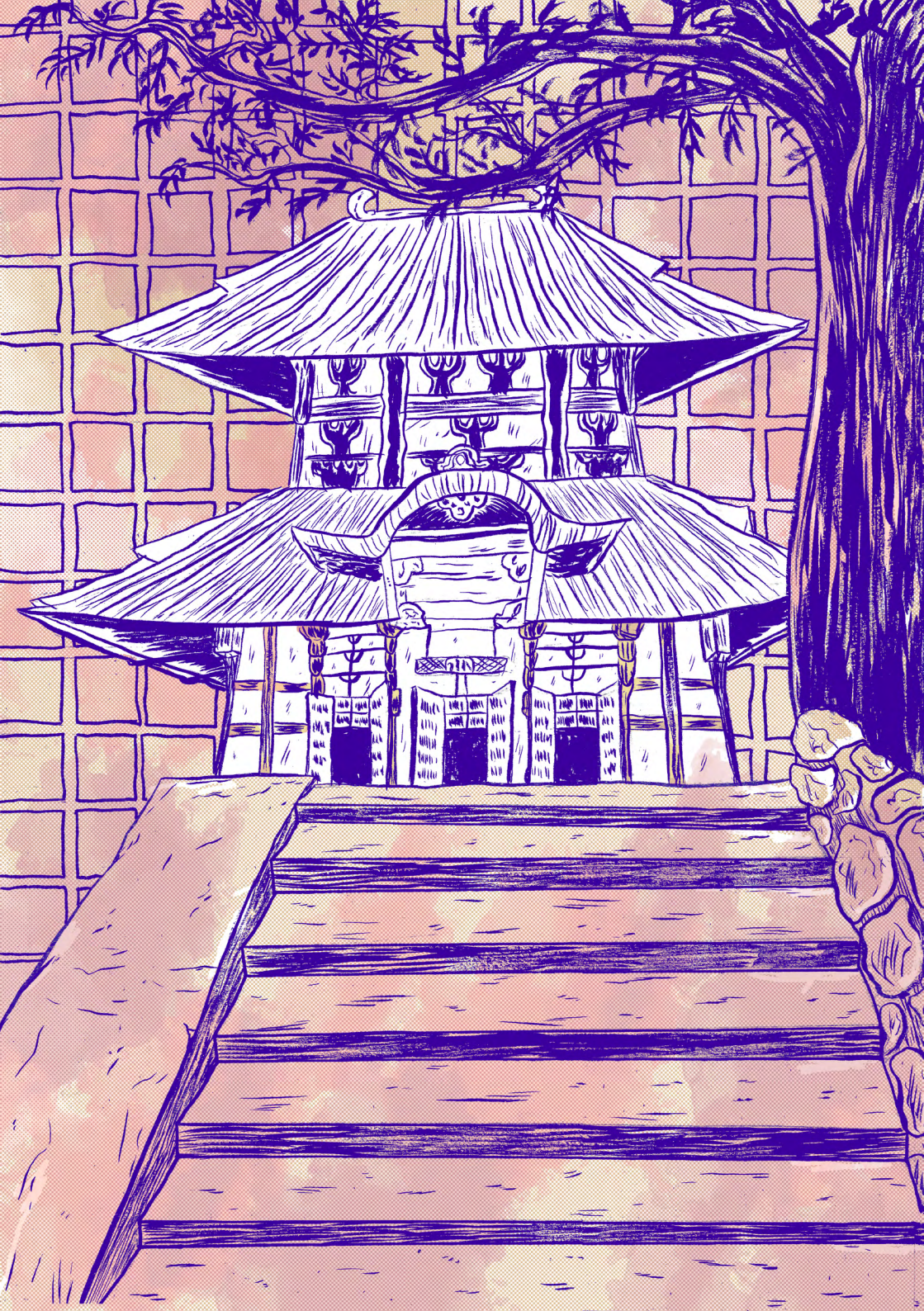
IV.

a lovely day
(bonus track)

A-MANHÃ: AQUILO QUE ESCAPA
AO LAPSO DA ANTE-LEITURA
OUTONO EM MOTO-CONTÍNUO
É INEXORÁVEL A MEMÓRIA DESTE SOL
INACESSÍVEIS ESTAS ESCADAS,
A PRÓPRIA FALA NOS SERVE
AGORA A MERO NÍVEL DE REGISTRO,
MOEDA FORA DE CIRCULAÇÃO.


HALLELUJAH, BOVAY, ALABAMA
CONHECES BEM ESTAS RUAS
E RECORDAS A CADÊNCIA
COM QUE SE INTRODUZ
O PEQUENO DEUS DA DEMORA
COMO SUBMARINOS SEM PÁTRIA,
PROCURAMOS HARMÔNICA
NAQUILO QUE RESSOA FAMILIAR


MAS SE NOS CHAMA ESTE ECO
É PARA QUE NÃO ESQUEÇAMOS
O USO SECRETO DE
SUA ÓRBITA


COMO INTERVALOS SUSPENSOS
DESTA ANÔNIMA PARTITURA
SEJAMOS BEM-VINDOS
DE VOLTA AO NENHURES
QUE NOS JUSTIFICA.

A fagulha de Nara surgiu de um álbum do alt-j e de uma viagem à São Paulo, onde Camillo conheceu uma outra Nara em Yasmin Zoghbi. Os poemas aqui foram escritos entre novembro de 2014 e março de 2016. E as ilustrações foram feitas no mês de abril de 2016. O exemplar aqui foi disponibilizado online, e quem sabe num futuro breve, também encarne fisicamente ao nosso lado. Reza a lenda que o Deus da Espada e do Trovão, Takemikazuchi, chegou em Nara montado em um cervo branco para proteger aquela que era a recém-criada capital do Japão. Desde aquele dia, os cervos vivem livres pela cidade e são considerados animais celestes, guardiões da cidade e do país. Se você se curvar a um cervo em Nara, certamente ele se curvará também para você.